



METAgrophias

v.2 n.1 março2017

letra D de dropbox

(*das derivas dançantes*)

METAgraphias

ISSN 2448-1246

VIS | IdA | UnB

METAgaphias

VIS | IdA | UnB

REITORIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Márcia Abrahão Moura

DIRETORIA DO INSTITUTO de ARTES

Ricardo Dourado Freire

CHEFIA DO DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

Marcelo Mari

COORDENADOR DA PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE

Belidson Bezerra Dias Junior

EDITORAS

Aina Guimarães Azevedo, Luisa Günther, Maicyra Teles Leão, Maíra Zenun de Oliveira, Priscila Monteiro Borges, Polyanna Morgana Duarte Rocha.

CONSELHO ARTÍSTICO & EDITORIAL

Adeilton Lima, Aina Guimarães Azevedo, Ana Paula Moreira, Ary Nunes Coelho, César Becker Flores, Daniel Fernandes, Darli Pereira Nuza, Felipe Ramon Alves Olalquiaga, Gabriel Lyra Chaves, Gregório Soares Rodrigues de Oliveira, Jefferson Luiz Damasceno Sooma, Júlia Moana Nóbrega, Leisa Sasso, Luisa Günther, Luiz Carlos Pinheiro Ferreira, Lukas Pacheco Brum, Maicyra Teles Leão, Maíra Zenun de Oliveira, Maria Beatriz de Medeiros, Maria Eugênia Lima Soares Trondoli Matricardi, Mariana Ramos Soube de Seixas Brites, Mirella Mileidy Assunção Luz Castro, Paulo Ivan Rodrigues Vega, Pedro Ernesto Freitas Lima, Polyanna Morgana Duarte Rocha, Priscila Monteiro Borges, Renata Simoni Homem, Sissa Aneleh Batista de Assis, Tatiana Duarte Menezes, Tiago Henrique Alencar Monteiro.



Campus Universitário Darcy Ribeiro
Departamento de Artes Visuais, SG-1
Universidade de Brasília, CEP 70904-970
Caixa Postal n. 4432
Brasília-DF

metagraphias@gmail.com
ISSN 2448-1246

Contribuições devem ser submetidas pelo site: <http://seer.bce.unb.br/index.php/metagraphias>

Todos os direitos reservados A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei no 9.610).
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

suMÁRIO

EDIToRiAL & Sobre a CAPA

órbitas flutuantes.....	1-10
...Luisa Günther	

oBRa (ou) ALGo

iconografia para uma missa preta:	
estudo para um corpo sem órgãos.....	11-12
...Antônio Obá	
vidro e alumínio.....	13-14
...Laura Virgínia Oliveira Neta	
página de pequena deriva.....	15-16
...Nina Orthof	
jamais cortarão as garras das felinas.....	17-20
...La Conga Rosa	
retrato de família.....	21
...Marcos Paulo Souto	

ENSAIOS IMAGéticos

na solidão, uma eternidade: olhe e veja quem sou.....	22-30
...Guilherme Barros	
o que pode um corpo?.....	31-40
...Coletivo Campo Minado	
meridiaNUS.....	41-49
...Estevão Guimarães	
para além de nós.....	50-56
...Andrea Pech	

ANOTAÇÕES para a CENA

exercício de apaixonamento da escrita	
como narrativa de <i>Aisthesis</i>.....	57-75
...Giselle Rodrigues	
disseminar contato: estação.....	76-99
...Rosa Schramm	
poemadançando fogo negro.....	100-140
...Soraia Maria Silva	

ARTIGoS

- quando a memória busca um habitar.....141-146**
...Raimundo José de Albuquerque Filho
- as cidades e os símbolos**
- corpocidade: do invisível ao tátil.....147-158**
...Taiom Almeida
- o processo do corpo justifica seu fim.....159-167**
...Paula Cathoud
- digito (texto01)(texto02)(texto03).....168-210**
...Rafael Garcia
- corpo contra conceito.....211-224**
...Maria Eugênia Matricardi
- perseguindo o conceito do olhar educado:**
- os caminhos da vídeo-arte no Instagram.....225-240**
...Alex Medrado
- o que pode o corpo?**
- horizontes da arte política em Jacques Rancière.....241-252**
...Pedro Caetano Eboli Nogueira
- corpo em suspensão: uma investigação**
- sobre escultura, bricolagem e natureza-morta.....253-303**
...Amanda Yuki



EDIToRiAL

órbitas flutuantes



Exu vagava pelo mundo, sem destino, sem se fixar em lugar algum ou exercer alguma profissão. Simplesmente ia de um canto a outro. Um dia começou a ir até a casa de Oxalá, onde passava o tempo a observar o velho Orixá a fabricar os seres humanos. Outros visitavam Oxalá, ficavam alguns dias, mas nada aprendiam, apenas admiravam a obra de Oxalá, entregando-lhe oferendas. Por sua vez, Exu ficou dezesseis anos na casa de Oxalá, ajudando e aprendendo como se fabricavam os humanos, observando, atento, sem nada perguntar. Como o número de humanos para fazer só aumentava, Oxalá pediu a Exu para ficar na encruzilhada por onde passavam os visitantes, não permitindo que passassem os que nada trouxessem ao velho Orixá. Exu, então, recolhia as oferendas e entregava a Oxalá, que resolveu recompensá-lo, de modo que todo visitante deveria também deixar algo para Exu. Exu se fixou de vez como guardião de Oxalá, fez sua casa na encruzilhada e prosperou.

Ademir Barbosa Júnior
Dicionário de Umbanda

Quem prospera na encruzilhada, tira a sorte para dançar. Acompanha-se de si, por onde quer que vá. Plenitude de presença como se fosse possível foliar com a própria sombra pela noite sem fim. Festejar a existência sob o ritmo compassado do coração: tum-tum. Pode ser que a intenção não seja sempre esta, mas ao que parece, a presença é justamente o corolário deste dançar que acontece com a alma das coisas do mundo. Acompanhado por si mesmo, é preciso estar no ali do momento e perceber a alteridade de um corpo distinto e imediato. Um corpo que comparece com suas particularidades de forma, silhueta, ritmo e precisão. Um corpo que indica esforço em seu suor translúcido; que preenche o silêncio com sua respiração ofegante; que pulsa o espaço com sua fadiga muscular. Sim. A *dança* é um devir constante da presença; presença circunscrita pelas possibilidades de existência de si mesma: *agora, que tipo de presença o dançar precisa ser? Quais os limites de ausência que o dançar pode ter?*

Estas perguntas, quase ingênuas, circunscrevem os desdobramentos aqui propostos que, para além do real imediato, coloca o dançar no tangencial da virtualidade da deriva. Neste espaço, o dançar promove um outro acontecer. O corpo pode estar ausente, inerte, informe, opaco. A *agoridade* da presença pode ser transformada no lapso de uma distração ou no retorno do efêmero da experiência. A partir desta sutileza buscamos, para esta edição, contribuições que reflitam sobre outras potências do corpo, pois dançar é outra coisa também, para além de formalismos ritmados nos riscados do existir.

Nesta edição são apresentadas poéticas e especulações teóricas que dimensionam as plenitudes do corpo em sua intransigência *artista* que re-existe para além dos embargos que poderiam ser impostos por estruturas, conjunturas e contextos múltiplos. Sendo que, apesar de tudo que insista em corromper as entranhas, o importante é não sucumbir de dentro para fora. Não se impor outros constrangimentos para além da própria pele que já atua como barreira de contenção e retenção entre o corpo e o cosmos. Será? Bobagem. Ou não. Para além de quaisquer *(i)limites*, que a pele seja membrana plasmática dos alentos de si como quem se permite se contaminar de mundo; como quem sabe estar em potência toda vez que sentir a língua do sol. Talvez por isto, somos indagados de novo e novamente pelo **Coletivo Campo Minado** e, também, por **Pedro Nogueira** *o que pode o/um corpo?*. Tudo o que quiser. Sempre que puder. Somos *alumínio e vidro*, moldados por *fogo*, para seguir como *sensação de existência* disseminada em *contanto e improvisação*. A sorte trouxe para dentro desta edição cinco possibilidades díspares do dançar como pujança corporal em suas variedades plenas de sentido múltiplo. Isto transborda aqui nas partilhas generosas de **Giselle Rodrigues**, **Laura Virginia**, **Rosa Schramm** e **Soraia Silva**; mas também no *balé das coisas* em suspensão orbital de **Yana Tamayo**, presente na capa e neste editorial. Se seguimos para *além de nós mesmos*, nos descobrimos cúmplices de **Andrea Pech** em circunstâncias improváveis de um abandono acompanhado, de um amor dilacerado, de uma cumplicidade conquistada.

Adiante: pelo corpo-cidade de **Taiom Almeida** em **Fábio Pedroza**; pelas circunstâncias de ocupação urbana com **Estevão Guimarães**; ou, simplesmente, com toda a delicadeza do *olhar (trans)náufrago*, seguimos à deriva com **Nina Orthof**; ou com a busca emancipadora do *olhar educado* em **Alex Medrado**. Agora, se o corpo é instância política, atua sensível perante o indeferimento de todas as terminologias, *affectando-se* em **Maria Eugênia Matricardi**; instaurando ruídos diante o devaneio como um processo íntimo de transformação de si com **Paula Cathoud**; em memórias anônimas que insistem em apresentar uma dignidade que não se esvai, como nos faz pensar **Raimundo de Albuquerque Filho**. Ou então, não é nada disso, por ser justamente isso: um corpo que denuncia as iconoclastias da ordem heteronormativa, seja nas imagens de si como performance em **Guilherme Barros**; seja nos lambe-digitais de **La Conga Rosa**; seja na confissão nada-santa de **Rafael Garcia**; seja na busca de novas possibilidades de representação do sagrado íntimo de **Antônio Obá**; seja na família cósmica que inventamos para nós mesmo como nos partilha **Marcos Paulo Souto** Continuamos corpo. Até que nosso espírito se liberte do cadáver que carregamos, peso-morto da alma transitória no espaço.

BARBOSA JÚNIOR, Ademir. *Dicionário de Umbanda*. São Paulo: Anubis, 20



sOBre a caPA



Yana Tamayo
Ensaio para um balé das coisas (Meteoritos), 2013
Grupo de 13 fotografias.
12 de 18x18 cm
1 de 110 x 146 cm

Ensaio para um balé das coisas (Meteoritos) dá continuidade às pesquisas em torno da ideia de cidade propondo uma tentativa de imaginar objetos (ou dejetos) realocados numa outra ordem. Primeiramente, registro montes criados por entulhos de obra deixados clandestinamente em áreas públicas. Após imprimir essas fotografias, recorto elementos reordenando-os de outra maneira para então fotografá-los sobre um fundo neutro. Por fim, elas acabam retornando como imagens pretensamente originadas pela força da natureza, mas em realidade, originam-se na ação humana.

•

Pós-editorial

Sim: Existo Dentro do Meu Corpo

Sim: existo dentro do meu corpo.

Não trago o sol nem a lua na algibeira.

Não quero conquistar mundos porque dormi mal,

Nem almoçar a terra por causa do estômago.

Indiferente?

Não: natural da terra, que se der um salto, está em falso,

Um momento no ar que não é para nós,

E só contente quando os pés lhe batem outra vez na terra,

Traz! na realidade que não falta!

Alberto Caeiro, in *Poemas Inconjuntos*